

Ano II - N.º 93
14 de Maio
de 1932

o repórter.

SEMANARIO DAS GRANDES REPORTAGENS



LER NESTE NUMERO: 1808. — Os escandalos dos portugueses em Paris — O «Atelier» de Madame Z... — Misterios do Porto — Eto., eto., eto.

Chapelaria Santo André

ALVARO PORTELA

78, Largo dos Poveiros, 80 (Antigo de Santo André)—PORTO—Telefone 1776

Vendas a prestações semanais com Bonus

Única e simplesmente para desenvolver a venda de chapéus para homem, em feitre ou palha

SORTEIO SEMANALMENTE PELA LOTARIA DA SANTA CASA DA MISERICORDIA

Valor 50\$00

(Vinte semanas)

3\$00 semanais

Escolhendo Chapéu superior ao valor, paga o excesso, e se for inferior, recebe a diferença em concertos, bonets, etc.

Por apresentação ou conhecimento e pagas 5 prestações, entrega imediata do valor a sortear.

Devendo mais 4 prestações perde o direito ao premio. Repetições passam ao numero immediato.

CARTAZ

Espectaculos recomendados pelo «Reporter X»

TEATROS

- Nacional — 9 1/2 «1808»
- Trindade — 9 1/2 «Viuva Alegre»
- Apolo — 9 5/4 «A Pastilha do Amor»
- Variedades — 8 5/4 10 5/4 «Pim! Pam! Pum!»
- Maria Victoria — 20,45 e 22,40 — A S. nhora da Saude
- Colizeu — 21,50 — Luta e Variedades
- Capitolio — 21 — Variedades

CINEMAS

- S. Luiz 9 1/2
- Tivoli »
- Central »
- Odeon »
- Terrasse »
- Royal »
- Palacio »
- Olimpia »
- Paris Cinema »
- Liz »
- Europa »
- Palatino »
- A Promotora »
- Imperial »
- Salão Real 19

Todas as noites

TEATRO NACIONAL

A'S 9 1/2

GRANDE EXITO

Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro

«1808»

«JUNOT»

Original de Reinaldo Ferreira «Reporter X»

Brilhante desempenho — O maior exito da temporada

TEATRO APOLO

A's 9-30 — Espectaculo inteiro

A comedia de constante gargalhada

GENERO LIVRE

A PASTILHA DO AMOR

Soberba realização da «Companhia de Teatro Alegre»

Brilhante desempenho de Auzenda Oliveira, Albertina Oliveira, Antonio de Souza, Abilio Alves, Jorge Gentil e Antonio Palma. Artística mise-en-scene de Antonio Gomes

O espectaculo mais alegre de Lisboa é no

TEATRO APOLO

IMPROPRIO PARA MENORES

PREFIRA FOSFOROS PATRIA

PORQUE

São os melhores

TEEM

Fosforos de Ouro

QUE VALEM

ESC. 50\$00

Junte 100 etiquetas e concorra aos sorteios mensais de Valiosos brindes e ao sorteo de UM AUTOMOVEL CITROEN em Julho 1932



TEATRO VARIEDADES

DUAS SESSÕES — A's 8 3/4 e 10 3/4

A REVISTA FORMIDAVEL DE INTERESSE E DE CRESCENTE NOVIDADE

PIM! PAM! PUM!

Luiza Satanela, no «cartaz da moda»

QUERO VÊR VOCE CHORAR

Beatriz Costa, no COCHICHO Tango

Dramatico e FADO DO POVO

GRANDE EXITO DO QUADRO «HAJA ONIÃO»

TODAS AS NOITES

PIM! PAM! PUM!

Triunfa no VARIEDADES

Uma dama que morre misteriosamente

Uma dama muito conhecida em Lisboa, sobretudo nos salões da burguesia capitalista vivia há muito, separada — mas não divorciada — do marido — numa praia próxima a Lisboa. Há coisa de cinco meses uma cunhada foi visitá-la e encontrou a casa vazia, sem ninguém que a informasse da saída da sua proprietária. Procurou outros parentes, amigos íntimos e comuns, e todos ignoravam o destino dessa senhora. A inquietação apossou-se de todos eles e por maiores esforços que empregassem — não conseguiram decifrar esse mistério. O próprio marido — director duma importante empresa nacional — não o esclarecia — visto que se ausentara. Qual não foi a surpresa dessa gente — ao lerem a notícia que o marido se casara... numa igreja dos arredores de Paris, com uma senhora francesa. Religiosamente? Se ele nem divorciado estava! Se ele se casara também p a igreja, em primeiras nupcias! Que queria aquilo dizer? Alguem da família resolveu escrever-lhe e pedir explicações. Resposta. «Fulana (a primeira esposa) faleceu ha tantos meses. Se não informei a família foi porque ela assim o exigiu antes de falecer.»

A resposta não satisfaz nenhum dos parentes — sobretudo porque não trazia nenhum detalhe (datas, causa da doença que causasse a morte, o cemitério onde foi enterrada etc.) e as investigações iniciaram-se com grande interesse e sob a ameaça de graves revelações.

As «doutoradas»

Existem espalhados pelos vários corpos de girls dos nossos teatros e por entre as papilons dos nossos cabarets, umas dez ou doze raparigas a que chamam... «doutoradas». Esta extravagancia e coincidência despertaram-nos a curiosidade — e inquirimos a causa de tal apodo. Soubemos então o seguinte: «Vive no Porto, um cavalheiro riquissimo, formado em medicina — (mas que não a exerce) que é o Maquiaveli da honra de todas as moças que cubica. Não tolera o menor atrito — por mais legitimo que seja. Assalariou uma cumplice, antiga modista, que ganha principescamente e que tem a missão de atrair as vítimas — sempre crianças de quinze, desasseis anos. Se teme as famílias — chega a levá las para fora da fronteira; se não teme, sequestra-as numa garçonnere dos arredores. O miserável só aparece no fim e nunca se revela nem diz quem é! A velha cumplice é que manobra sempre. Vem primeiro o champagne e depois os (anestésicos) até as deixarem num estado de indefeza e inconsciencia absolutas. Estragada caudalosamente aquela juventude — aquela vida — e aproveitando ainda a perturbação em que se encontra trazem-na para Lisboa, levam-na a um cabaret, convencendo-a que se trata da sua própria casa — e após novas garrafas de champagne, velha e patrão desaparecem para sempre. As pobres vítimas sem coragem nem meios para regressarem aos lares — deixam-se arrastar pela corrente... e do canalha que as perdeu apenas sabem que é... o doutor. Por isso, como são já muitas, chamam-lhe as... doutoradas!

Bébés - Mártires

Em Oliveira de Azemeis existem várias fábricas de vidros. Graças a essa industria — toda a região tem trabalho. Até aqui — tudo vai bem... Mas eis que essas fábricas resolvem contratar por um punhado de centavos (não chega a um escudo) garotos de sete

e oito anos, para estarem ao fole e fecharem os moldes, numa atmosfera d'inferno, envenenando os frágeis pulmões queimando a carne tenra, roendo-lhes a saude e a vida. Os homens não aguentam muito tempo esse auto-de-fe; o que se passará com as pobres crianças? Eis uma denuncia que não nos repugna fazer às autoridades.

O peixe que Lisboa não come

A crise, sendo universal não poupa nem podia poupar o nosso país. Existem, portanto, uma percentagem elevadissima de famílias que vêem os seus orçamentos reduzidos a uma tal ninharia que nem sei como conseguem este mínimo b-m estar que é o menor dos direitos do homem; comer todos dias. Torna-se portanto um dever colectivo cada um de nós oferecer um pouco do seu esforço para suavizar as aguras dessa crise. Um exemplo... Em Lisboa rara é hoje a

Um exemplo de honestidade e de humanidade

Existe em Lisboa uma casa de vidros, cujo proprietario, um tal J. P. G. é um exemplo de honestidade e de humanidade. Este cavalheiro, possaidor duma avultada fortuna, não tem escrúpulos. Na sua casa, desde o desrespeito pelas leis do país até á fraude não só para com o Estado como para com qualquer cliente, tudo ali se faz, num exemplo constante de desonestidade e num desrespeito vergonhoso para com os direitos alheios.

O regime que impõe ao seu pessoal é de autentica roça. Não só lhe importando a lei que regula o horário de trabalho. Além disso, as contas com o seu pessoal são feitas de tal forma, que os seus empregados têm, para ganhar sete horas, de trabalhar oito e nove.

Para com os clientes também não ha consideração de especie alguma. É frequente quando algum devolve um producto adquirido na loja do Pedro Gomes, ser debitado pelo producto devolvido e pelo adquirido em troca. Isto é uma das formas de ludibriar quem com ele tem negócios.

Para com o Estado, o caso muda de figura. Não só em direitos alfandegarios que deixa de receber por fraude, como em outras transações o Estado é altamente lesado, por este cavalheiro.

Dum caso temos nós conhecimento, em que uma repartição do Ministerio da Marinha foi debitada por productos que nunca lá entraram. Felismente o Estado está alerta e prepara-lhe o premio das sues espertezas.

Mas a historia deste cavalheiro é longa...

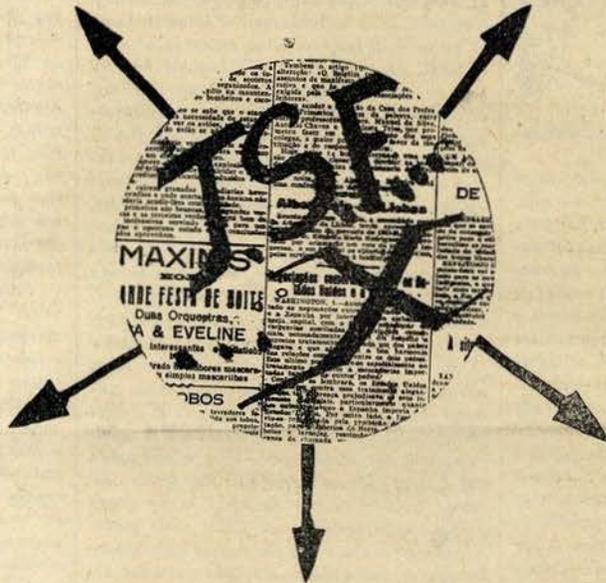
Uma estrela com avença

Aquele si-sudo industrial portuense satisfazia a sua propria vaidade novo rico amando e sobretudo exibindo o amor de uma vedette teatral. Era um luxo caro — mas em suma, para quem passara a vida a trabalhar quasi sem distrações — era permitido esta gloria e esta extravagancia. «Eu sou ciumento como um arabe e exijo uma fidelidade sem duvidas. Disse-lhe um dia o industrial. Seria o ultimo dos ridiculos — saber-me enganado por uma mulher — eu que tenho mil contos de rendimento! «Ela sorriu-se e cochichou-lhe: Ah! Tu exiges fidelidade? Nesse caso exijo eu tambem uma dupla taxa! Mais cinco contos por mez, duas toilettes a mais e um auto de melhor marca!»

Era caro — mas, enfim, a fidelidade de uma mulher daquelas merecia-o! Passam-se meses e o industrial que se recusara a acreditar em denuncias — acaba por abrir o largo peito á duvida — e resolve investigar! Pae do Ceu! Ela enganava-o e de que maneira! Três amantes a vulso, um fixo e... alguns inconfessaveis! O elegante capitalista perde a paciencia e a linha, regressa á primitiva personalidade e arregaçando as mangas — záz! Uma sóva — e que sova! A quasi adúltera e br-infiel, entre soluços, choramíngá:

«A culpa foi tua! Pagaste a taxa só para um! Devias ter pago uma avença — e então sim, tinhas todos os direitos de me exigires uma fidelidade completa.»

Por muito blague que isto pareça — a gente do Parque Mayer de Lisboa e os tertulianos da Rua de Santa Catarina do Porto afirmam que... foi assim que as cousas se passaram...



casa que possa dar-se ao luxo de comprar peixe. O próprio carapau e a própria sardinha que era, a seguir do pão seco, o alimento mais ao alcance do pobre — é hoje alimento de ricos... E porquê?

Todos os dias se inutilizam montanhas de peixe — e muitas vezes sem que estivesse impróprio para consumo. É um truco com que algumas peixeiras burlam a inspecção — o que nós, mais tarde explicaremos. Mas o mais cruel da questão é que o peixe que Lisboa não come porque lhe custa 5,68 escudos ou mais o kilo — é arrematado pelas peixeiras por 60, 70 vezes mais barato. Assim, a peixeira arriscando um pequeno capital e com pouco trabalho (basta realizar meia duzia de vendas numa manhã) para fazer uma diária muito interessante

Compreende-se o entrave da peixeira: vender pouco, ganhando muito; mas não é esse o interesse do publico. Se o peixe fôsse apresentado ao publico pelo preço da tabela acrescentado por uma commissão razoavel. Toda a gente podia comer peixe e por pouco dinheiro. E era facil conseguir esse milagre. Bastava que todos os dias os jornaes publicassem a tabela dos preços; e as donas de casa, depois de fazer

Prefiram sempre as

Canetas EAGLE

Homens & Factos do Dia

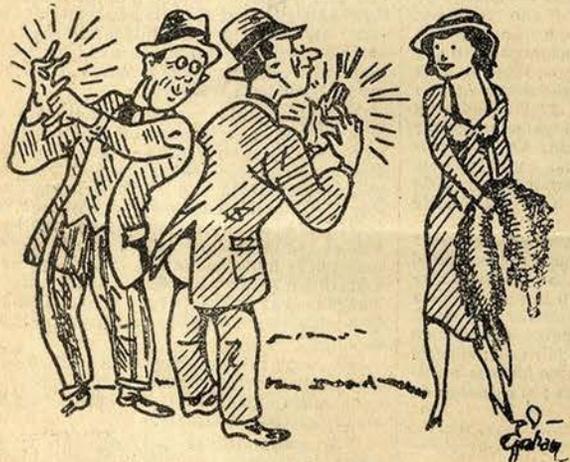
A heroica esquadra...
«peruana»

A ESQUADRA do Perú — dizem os diários — revoltou-se... É uma notícia que me interessa comentar porque salienta mais uma vez a inquietação constante dos países ibero-americanos. O europeu burguez, com varios seculos de burguezia nas veias, alarma-se e estranha essa febre cronica de morbido revolucionarismo, perguntando, a si proprio — e com muita razão:

«— Ora esses vinte e tal países jovens, cheios de vitalidade, onde as riquezas estoiram o solo, numa virgindade vulcanica e ansiosa, por fal a de quem a arranque numa cubica sensual d'ambição (e apesar de todos os assaltos que ha cinco seculos lhe fazem os mais insaciaveis condes de Monte-Cristo de todo o mundo); esses países a que nada falta e a que tudo sobra, não podiam fazer tranquilamente, saborosamente, o rendimento das suas fortunas inesgotaveis — em vez de se degladiarem todos os dias, num suicidio inutil, esteril — suicidio, estupidamente caro?»

Respondam: «Resultado logico do regimen republicano, embora presidencialista; embora num quasi permanente sistema anti-constitucional e visto que do Parlamento dessas republicas, afirmam as estatisticas, só funcionam 2 por cento do tempo que deviam funcionar! Consequencia natural das ambições dos partidos, levadas ao desvaio, à alucinação, ao crime!»

Entre surdo-mudos



— Pergunta-lhe se ela tem uma irmã assim como ela, para eu não ficar aborrecido.

É preciso não conhecer a Ibero-America — da Argentina, do México, do Brazil (as potencias) até Nicaragua ou Honduras (as caricaturas) — para formular sincera ou criteriosamente tal opinião. Fosse qual fosse o regimen escolhido por esses países — a intranquilidade foi sempre serie (e será durante muitos anos ainda), a mesma. Porquê, então?

Em primeiro lugar, entre os homens que os outros continentes exportaram para a America e que formam a sua actual população abundaram os aventureiros, os espertos, os ambiciosos, os fracassados, os diletantes, os conquistadores, os heroes — de tudo em suma, menos os homens d'ideias. Os intellectuaes que foram à America latina — voltaram todos à Europa e não deixaram discipulos. As independencias, as nacionalidades deram 20 e tal republicas que serão milagres de patriotismo ou de valentia — mas nunca productos de uma elite de sabios, de mentalidades preveligadas. Eis o primeiro erro: ha vinte, ha dez, ha trez seculos ainda se fundavam ou se restauravam países com nobres figuras de patriotas e de guerreiros. Out'ora era a força do bravo e a chama do amor patrio que venciam. Hoje (e as republicas ibero-americanas, mesmo aquelas que nasceram na alvorada do seculo XIX). (Lisboa é já do nosso seculo XX) ... hoje, dizia eu, só os intellectuaes podem crear uma nação, como quimicos creando uma nova formula... E a esses países faltou-lhes uma elite intellectual. A seguir — o exuno de patriotismo... Eles julgam ainda que a alma pôde substituir, com vantagem, o cerebro! E como se este equivoco, só por si não bastasse — agravam-no com outro mais monstruoso ainda: é que eles são apenas auto-hypnotisados de patriotismo — mas não patriotas ardentes! Uma autentica confusão! Entendamos.

Não quero discutir agora, a logica, o dogma ou qualquer outro aspecto pró ou contra o amor pela patria. O que afirmo é que o patriotismo, como todas as cousas da vida e como todos os fenomenos psiquicos, tem a sua trajectoria. Era lá possivel que tu leior, desembarcando amanhã em Honolulu, onde nunca tiveste familia ou amigo, exclamasses, logo d'entrada: «Oh! Que linda terra! Não existe ceu mais azul, paisagem mais captivante, sol mais acalentador! Oh! Honolulu do meu coração! Tu és a minha patria! Dar-te-hia o meu sangue para te resgatar da maxima offensa!» ... Era lá possivel que tu, no dia seguinte, ao saberes que os karakarianos dominavam Honolulu, desembarcasses a bengala e erguendo com a outra mão a bandeira nacional (cujas côres não tivemos tempo ainda para

fixar...) e gritasses a uma multidão de recém-chegados como tu: «Cidadãos! A nossa patria está em perigo! O estrangeiro, guloso das nossas bananas, ousou franquear-lhe a fronteira e prololar-lhe o solo sagrado! Para nós é como se violassem a nossa mãe! Honolulu não é terra para se sugar ao jugo do invasor! É a nossa historia gloriosa, os sacrificios dos nossos heróicos antepassados que nos guiam! As armas cidadãos livres, do livre Honolulu! Vencer ou morrer!»

Não! Não era possivel — visto que tu leior seres uma pessoa sensata, sincera, inimiga de embustes — e sobretudo europeia. Mas, acredita: os patrioticos da America, são raramente autenticos. O amor à patria, legitimo ou absurdo como quizerem, só pode vir duma longa e successiva herança de seculos, do orgulho contagioso dos compendios da historia, das ligações do homem com a terra — sobretudo com a terra dos cemiterios que guarda os entes que lhes foram queridos. O patriotismo nunca se improvisa ou nasce de a troca de olhares, como as paixões piegas dos romances caixeirits. E 50 por cento da população dessas republicas é formada por individuos que desembarcaram, quando no seu espirito, já estava formado o instinto de outra patria; 40 por cento, por individuos que lá nasceram porque os países emigraram pouco antes do seu nascimento; e apenas os restantes teem raizes mais fundas que possam explicar certo entusiasmo...

Países, nacionalidades, assim formadas e assim povoados — não podem esquivar-se às alucinações tragicas dum patriotismo artificial e improvisado. E quando menos logico e mais recente — maior é o esforço do patriota em o demonstrar. Existem filhos que odeiam os países — porque não se naturalisaram! E como lhes falta o Stadium espaçoso de guerras internacionais onde exteriorisar espectacularmente esse falso sentimento, esse sentimento que eles querem impor uns aos outros com aquele nervosismo que ataca sem que os mentirosos, desabafem no ring estreito das lutas intestinaes

Já houve quem perguntasse: «Sendo esses povos tão agnerridos, atacados por um virus belico tão violento porque razão não se satisfazem combatendo com o estrangeiro, com os visinhos — com os outros povos e se sangram em familia?»

Ah! É por isso mesmo! Preparam a revolução, em primeiro lugar — porque não existe entre os cidadãos do mesmo país o instinto de familia. Gente vinda de todos os cantos, ocupando classes e exercendo profissões que não são as suas — sentem-se forçosamente rodeados, não de compatriotas — mas sim de estranhos que a ambição e outras causas os obrigam a odear; e a degladiarem-se entre si, não sofrem os horrores do fraticidio — porque são como soldados combatendo o inimigo.

E agora — o ultimo detalhe. São países sem historia, sem passado, sem recordações de sacrificios repetidos durante centenas d'anos! Esta lacuna tornar-se-hia inofensiva se esses países tivessem sido fundados — organizados racionalmente, intellectualmente. Mas como lhes faltava a materia prima — e não tinham passado — estão-se sacrificando à pressa, entre eles, para um pouco antes, adubarem o solo com o mesmo sangue os velhos países gastaram através dos seculos. E assim fica explicada, creio eu, a epidemia revolucionaria da America latina.

GULLIVER, esse bruxo encantador das histórias fantásticas e das viagens maravilhosas — criou um reino de gigantes e outro de liliputianos. Já se vê que os gigantes eram, quasi sempre monstros de insaciável ap-tite e os pobres Onomos devorados às duzias, pelos gigantes apenas cobiam na cova de um dente...

A fantasia de Gulliver deitou raízes à terra... da literatura infantil — e a partir d'então não tem conta as historietas em que se deglamiavam gigantes e anões — formados uns e outros, autênticos estardos... litográficos, dignos das estampas d'Epinal...

Mas o nosso século não permite que haja fantasia, por mais inverosímil, sem que ele tente pol'a em pratica. Não tem conta os liliputeanos que estavam espalhados por esse mundo de Cristo, exibindo-se em museus humanos de raridades ou em feiras ambulantes, contorcendo-se em dolorosas acrobacias, nas pistas dos circos, ou cantarolando *complets* nos palcos dos *music-hall*. Mas a extravagância só atrai o publico e o obriga a ser generoso com a bilheteira — enquanto é... extravagância, fenómeno, raridade. Mal se banalisa — adeus trafico de aleijões. Pensando o presente, que era já doloroso e difficil, prevendo o futuro que deve ser negro como uma maldição.

O liliputiano austriaco, Leo Werner (49 anos e 75 cm. de altura e os primeiros exames do liceu) resolve transformar-se em Messias da sua raça — cosmopolita, universal, dispersa, visto que os liliputeanos nascem em qualquer país, mas poucos são os que, desta juventude não se veem escravizados, humilhados na exhibição publica, como monstros ou irracionais aborticos... Leo Werner, antigo artista, empresario de circo retirado de negocios com um peculio de 500.000 marcos — percorreu a Europa e a America, o Norte de Africa fazendo a propaganda, da libertação dos anões; e á volta fundou em Augustus Park, em Leipzig — e com licença do governo — uma minúscula republica de liliputeanos, da qual é o presidente... vitalicio. Reuniu á sua volta 570 familias de... dois palmos, num total quasi de 2000 individuos de ambos os sexos e de todas as edades, que se dedicam aos mais variados officios — desde de encadernador até ao de modistas; desde de sapateiros até ao de cinzelador — e todos ganham honrada e alegremente a sua vida, sem vexames, sem angustias, sem preocupações.

Quem nos dera poderem-nos partir em dois — e em dois irmos naturalisar cidadãos da Republica dos liliputianos! Isto a corpo inteiro, já lá não vamos... Nem nós — nem nenhum outro povo, da Europa, ou da America, com mais de 1 metro e 60 de altura...

NÃO era eu quem devia comentar aqui o ultimo livro de José Osorio de Oliveira; e não era porque não é viçoso, nem



Werner o fundador da republica dos liliputianos

póde ser imparcial escrever-se, mesmo sem pretensões de critico sobre a obra dum auctor a quem se estima como a um irmão. Mas erguia-se, forte, tenaz, contra este melindre, o desejo sentimental e romantico de espojar a alma na fofidão das mais grates recordações da minha mocidade, a que ele está ligado pelo sistema subtil do mesmo sonho, da mesma virtuosa e digna esperança de vencermos em plena pureza de intenções espirituas. Floreteavam estas duas razões, na minha intimidade — até que o ritmo de todas as criticas, de todos os criticos indifferentes ao autor, de todos os quimicos da análise fria do laboratorio critico, pelo «bravo» sussurado ao *rideau* do seu livro me libertaram de qualquer escrupulo. Não que eu pense em fazer critica. E não penso, porque não o mereço. Não é snobismo de modestia. Podia fazel-o. Sinto-me com forças para tal empreza. É uma questão de delicadeza profissional (e aqui a palavra profissional é uma noção). É que eu, habituado no *footing* constante do jornalismo; á maratona da reportagem, seria o peor dos vandalos, sobraçando o «Diario Romantico», na correria da minha prosa, para a levar, em vertigem, á tribuna da critica... Por isso conversei apenas sobre este livro...

O «Diario Romantico» surpreende porque sendo uma parada expontanea, sincera, sem espectacularidade dum espirito que atingiu a maior idade da sua propria idade, sem lacunas no inverosímil inciclopedismo da nossa epoca, não berra erudição — desabafa sensações; não scenografa apotheoses nem feeries — cinematografa almas e almas, que sendo, — no inicio, gemeas da nossa (por isso ao sabermos escutar alcançam o milagre duma perfeição... imperfeita, mas musical, púdicas na nudez das suas confidencias.



Osorio de Oliveira autor do «Diario Romantico»

de arriarem ao mesmo porto onde sabem que outros ja desembarcaram; ou gastam a vida, as energias, o cerebro, a sensibilidade, numa orgia gastronomico de cultura *s-m-meni*. Ora José Osorio de Oliveira justificou o seu triunfo precisamente por não se assemelhar aos tais... Honrado e conscienciosamente — escritor — não se confiou na aventura leviana, da sua inspiração. Controlou-a primeiro e enjouou-a depois por um estudo constante, atento, sem novo-riquismo de mau gosto e com a sobriedade de quem está formulando para o espirito do publico — tão digno de escrupulo e de seriedade como o corpo quando o medico pretende libertal'o de toxicos ou represerval'o.

Mas existe ainda uma virtude que entroniza o «Diario Romantico» de José Osorio de Oliveira: a sua intimidade, a subtileza das nossas proprias vibrações, as mais secretas, as mais ocultas, aquelas que muitas vezes se chegam á nossa consciencia — como a ligeira brisa duma noite de agosto atravez dum *stor* de seda.

O «Diario Romantico» não é apenas um livro para ler! É um livro com quem podemos segredar os nossos desabafos, daqueles livros em que sofremos simultaneamente, paradoxalmente, a nostalgia da solidão e do convívio — que é a eterna angustia das almas silenciosamente insatisfeitas.

reporter

O SEMANARIO
DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE PORTUGAL

GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS ACONTECIMENTOS DE SENSACÃO NACIONAIS E ESTRAN-
-: -: -: GEIROS -: -: -:

Sai ás sextas-feiras e é posto á venda simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE
C. CAL

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Redacção, Administração e Publicidade
Rua da Horta Sêca, 7 — Tel. 2.0158
End. Teleg.: REPORTERX — LISBOA

Delegação no Porto:
R. Passos Manuel, 241 — Tel. 4391

Composição e Impressão
Rua da Horta Sêca, 5 — LISBOA

3 meses — série de 12 numeros — Esc. 11850
6 » — » » 25 » — Esc. 22850
12 » — » » 52 » — Esc. 44850
Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os respectivos portes

PAGAMENTO ADEANTADO

QUANDO, ha mezes, o governo inglez badalou o alarme da mais anti-leuitanica das crises — Jorge V, provando, mais uma vez, que era o primeiro cidadão nas horas de sacrificio — como nos minutos de gloria, reduziu ao minimo as despesas, dispensando todas as verbas superfluas. Para sentirmos, nós os portuguezes, o valor dessas economias é necessario radiografar um dos seus muitos detalhes. O orçamento fixara em 15.000 libras anueas a *limpeza e conservação* de Buckingham Palace — residencia londrina da familia real. Jorge V minguou-a em 5.000 libras. Vejamos, primeiro, o que é Buckingham Palace...

«Tit-Bits-Year-Book» do ano passado diz o seguinte: «O palacio real está dividido em 209 salas e quartos, a saber: Aposentos dos membros da familia real e certos officiais e funcionarios da corte. . . . 10
Lem (Para o pessoal residente) . . . 30
Aposentos privados do Rei. . . . 10
Idem da Rainha. . . . 9



Gomes Monteiro autor de «Vieira de Castro e a sua obra»

(Continua na pag. 14)

A dupla existencia de um honrado comerciante, recém-falecido

...que organizou e chefiou uma sinistra quadrilha

Há meses faleceu, confortado com todos os sacramentos da igreja, um «honrado comerciante» desta cidade que na hora da morte declarou ao sacerdote que nunca fizera mal a ninguém, mas que, em boa verdade, tão pouco se lembrava de ter feito bem a quem quer que fosse.

Este bom católico e abastado comerciante teve um funeral pomposo e o templo da Trindade coagulou-se com certas élites tripeiras, gente da boa (?) sociedade, bemquistos comerciantes, banqueiros com delegados do governo em casa...; beneméritos industriais que há anos não pagam contribuições. A verdade é que o *saudoso extinto* saiu pela «última vez» do seu sumptuoso palácio — como muito bem podia ter saído da Cadeia; e, dizíamos da Cadeia, porque de lá têm saído alguns infelizes condenados cujos crimes foram de bem menor importância que os cometidos por este bemquisto e impoluto cidadão.

Estabelecido durante longos anos com uma importante loja de modas e confeções numa das principais artérias desta cidade, a sua casa afamou-se e apresentando como apresenta ainda hoje as últimas novidades de Paris (Paris é, neste caso uma alcunha de certas cidades galegas, como Vigo, Orense e Verin).

Os modelos e fazendas *signées* Rue de la Paix, e Place de Vendôme vinham todas da Casa Bravo, Almacenes Olmedo e Recarêdo, que todo o indivíduo mediocrementemente viajado já visitou, não na França mas sim na vizinha Galiza.

Até aqui tudo está certo, pois que cada qual compra onde melhor lhe convém, de forma a mais lucros auferir embora impingindo gato por lebre. Os crimes do falecido eram doutro quiate...

Colaborando com os contrabandistas

Como ninguém o ignora existem em todo o país, e, mórmente nas terras fronteiriças poderosas organizações de contrabandistas... moderna e chefiados por indivíduos que todos supõem honestos e que ocupam altas situações, frequentam casas de chá, chapinhannos de lã com a passagem dos seus Windsor, Crysler e outras marcas de luxo, quando vão às *premieres* ou aos bailes do Ateneu.

Os verdadeiros heróis do contrabando, os que o realisam por conta daqueles *gentlemens* são homens dispostos a todas as batalhas; e do lado de lá são lindas raparigas, algumas ciganas de olhos negros d'azeviche, de lábios grossos e sensuais, capazes de seduzir e de

A confissão e o enterro dum bemquisto comerciante—Os segredos do contrabando do Norte—As locomotivas... «truqueés» para candonga—Os misterios do Rio Douro—A escamoteação das mercadorias—O Estado e as Companhias de Seguros, lesados em milhares de contos—O assassinato do guarda fiscal que era honrado!

atontar o mais indómito carabiniro, de bigodes facanhudos e sinal encaracolado ao lado direito do queixo. De tudo se servem estes folhetinistas da aventura. Mas nem todos expõem a vida. Inventam mil processos de passar contrabando tanto pelas fronteiras como até mesmo nos quadros das Alfândegas.

Mas já agora principiemos pela fronteira do Norte.

Em Valença, Caminha, Seixas, Cerveira, Monção, Melgaço, Barca d'Alva, etc., teem uma vasta rede organizada da qual ha bem pouco tempo faziam parte alguns carabineiros reformados, ferroviários e panhois, etc.. Um dos ilusionismos mais frequentes do contrabando nesta zona era o seguinte:

Existiam umas caixas nas locomotivas que veem de Espanha e que transportavam simultaneamente agua e carvão, materias estas separadas por uma grossa chapa de cristal. O contrabando era metido na parte do carvão.

Se por um succedia que os funcionarios da Alfandega subissin a maquina para ser feita a respectiva busca, um cumplice dos contrabandistas rebentava o tal cristal por meio duma alavanca de recurso, e o carvão juntamente com o contrabando caiam no enorme brazeiro da fornalha, desaparecendo para sempre, não deixando o mais leve vestigio.

A grande maioria dos contrabandos é feita na affluencia dos rios Minho e Coura. E' ali

que a nossa guarda fiscal concentra a sua fiscalisação.

O serviço de vigilancia nestes dois rios é feita principalmente numa velha lancha a gazolina que pouco anda, e, alem disso é tal o ruido que produz o tirofear do seu motor, que os cadongueiros que se encontram a dois ou 3 kilometros são logo alertados e prevenidos.

Difficilmente se visiona o montante inverosímil que o contrabando atinge nos nossos dias no nosso paiz; e as apreensões que se conseguem fazer representam apenas uma percentagem ridicula.

E' no Rio Douro sobretudo que o Estado e as companhias de seguros são mais fortemente lesados. E quem é que anima, organiza, suspira e aproveita em larga escala o contrabando dessa zona? O honrado comercio e industria, que quotidianamente se insurgem contra as pesadas contribuições que lhes são atribuides.

O «livro negro» da guarda fiscal insere nomes e firmas, que a serem aqui revelados, causariam pasmo e, é quasi certo, não seriam acreditados, e simultaneamente seriam desmentidos com alguma nota ciciosa dum dos organismos da «honrada» classe. Eles até conseguem provar nos tribunais, com um só despacho, que serve para muitas remessas que pagaram direitos!... Quantas vezes velhos e honrados guardas fiscaes sofrem o vexame de se verem desmentidos em pleno tribunal, em face dum documento que eles sabem perfeitamente não ser o autentico, mas, impossibilitado de o poderem provar, veem nitidamente escapar ás sanções da lei, um miseravel candongueiro de casaca, que os olha de sosleio e desdenhosamente, perante os cumprimentos doutros criminosos da mesma laia, que os vão saudar pela *justiça* que acaba de lhes ser feita, absolvendo-os!...

Historiemos agora o que conseguimos saber quanto ao contrabando e roubos efetuados no Rio Douro:

Relatemos:

A casa A encomenda em Lyon, por exemplo, uma grande quantidade de seda animal, em fio, mas tem o cuidado de indicar á casa exportadora quais as dimensões e pezo que cada caixa devem ter, recomendando já se vê, que estas sejam de reduzidas dimensões, pedindo para que urgentemente lhes sejam enviadas as respectivas facturas com todas as indicações de marcas, contra marcas e qual o barco em que devem ser transportadas.

Recebidas estas indicações immediatamente o barqueiro da casa toma delas conhecimento. Chegado o vapor ao Douro o barqueiro

(Conclue na pág. 15)

Extranhos episodios sobre os aventureiros internacionais que passam pela AFRICA PORTUGUESA



No proximo numero publicaremos uma sensacional reportagem sobre este assunto. Por ela desfilarão as mais escandalosas figuras e heróis da aventura que marcaram nas nossas colonias. Revelações muito sensacionais.



«1808» drama de REINALDO FERREIRA (Reporter X)

Que está obtendo o maior exito da actualidade no **TEATRO NACIONAL**

Ao centro: Palmyra e Raul de Carvalho, (Lydia e Junot) no 2.º acto; As figuras à volta, a começar da E para a D (em cima) Benamor (David) Raul de Carvalho (Junot) Pinheiro (Roxo) Lalande (Marie); Coluna da direita: Remos (Foy) Vileret (Vau-blanc) Tereza Taveira (A aia) M. Clementina (Helena) Ana Maria (Generala Foy) Leitão (Loison) M. Brandão (Generala Tomier); Subindo: Emilia de Oliveira (Tiã Carolina) Albuquerque (Novion) Lagarde

A vida aventureira de Mr. Lancaster

Reminiscencias da passagem de Portuguezes — A Tempestade e o naufragio — Altruismo que mata — Um portuguez generoso — Na ilha dos coqueiros — Delirio ou realidade?



Resumo do Capitulo anterior: *Levado pelo espirito de aventura, Mr. Lancaster abandona muito joven ainda a sua aldeia Irlandeza conseguindo viajar, pagando com rude trabalho a bordo o seu transporte até Africa onde exerce todos os misteres — desde varredor e carregador até ao de caçador profissional, depois de ter servido no exercito na guerra boer. Uma paixão que inspirou n'uma Miss Boer — por quem se apaixonou tambem — constitue uma luta intensa entre o seu espirito de aventura e o seu coração de amante. Vence o primeiro e para esquecer a sua amada, Mr. Lancaster, abandona Africa onde a fortuna começava a sorrir-lhe, e embarcando para o Oriente.*

LOGO que saímos a barra e approamos ao Indico o mar que se mostrara «mal-encarado» modificou-se e passamos a navegar em «mar-chão». O «Bombay» gingava brandemente aquelas aguas tranquilas e, horas depois, avistavamos, a luz do potente farol de Port-Elizabeth.

Passamos a noite em terra firme. Aqui e em Durban, que visitaríamos no dia seguinte, é que entrariam mais passageiros. O «Bombay», da «Companhia Maritima da India Britanica» era o que então se poderia classificar dum barco de luxo. Quarenta passageiros de 1.^a classe, 60 de segunda e 300 de terceira.

Nesta ultima classe, no geral só viajavam indios e gente de côr a quem eram vedadas as outras classes. — Os ingleses não se misturam com gente de côr... nem a bordo dos navios, senão em casos excepcionais...

Visitaríamos ainda os Portos de Algoa-Bay e Delegoa-Bay — o segundo com a nomenclatura oficial de Lourenço Marques, é hoje uma das mais belas cidades do continente negro. E porque me interessava saber tudo, foi-me explicada a razão destes nomes, pelo que aprenderia a saber relacionar depois muitas cousas de Africa e do Oriente, com o passado heroico de Portugal. Algoa-Bay é a transformação do termo A-lá-Gôa e recebera essa classificação dos marinheiros portuguezes, que ali iam aguar quando a caminho de Gôa. Delagoa ou de-lá-Gôa, o ponto em que, por razões especiais da moução e das correntes, frequentavam de preferencia no regresso de-lá... Gôa.

Por companheiros de viagem, na primeira classe, tive algumas pessoas cujo convívio era de facto agradável. Em Lourenço Marques entrara um gentiann portuguez, Mr. Da Silva — suponho que official do exercito e que ia servir num regimento de Gôa. Não nos foi difficil estreitar relações tanto mais que ele era um excelente conversador e falava correctamente o inglés.

Quando iamos ao largo da Costa de Moçambique já eramos bons amigos e companheiros inseparáveis.

O mar continuava calmo, duma calma irritante que provocava um contraste e desequilibrio evidente com o estado de nervos em que eu ainda estava. Que especie de futuro me estava reservado? Não conhecia ninguem no Oriente; Todo o dinheiro que possuia mal chegaria para me aguentar modestamente por alguns mezes. Teria que trabalhar; em quê, como e onde?

Estavamos em Fevereiro, em pleno verão. Noite calma e luarenta, com aquela claridade de luar que só é possível nos tropicos. Ninguem se deitava cedo, tal era o calor. Quando nos deitamos, de madrugada, nada fazia prever o que nos esperava. E' facto que eu achava extranho e pouco vulgar o movimento do pessoal de bordo. Dir-se-hia que se preparavam para todas as eventualidades. Reforçavam os cabos, calçavam os salva-vidas cobriam as escotilhas com encerados, etc., etc..

Acordei, cerca das 9 horas da manhã com uma pessima disposição e fiquei seriamente

surpreendido ao verificar que os meus companheiros de cabine já se haviam levantado, deixando tudo na maior desordem.

A minha mala tinha-se aberto e a roupa espalhara-se, pelo chão embendo o conteúdo perfumado do grande frasco de «Colonia» que se partira. O barulho no deck superior ao meu beliche era ensurdecedor.

Eu fui sempre dotado de uma calma extraordinaria. Depois de observar o estado em que se encontrava a cabine, resolvi, observar as causas. Não me foi difficil comprehendel-as quando me quiz levantar e constatei que não me suportaria de pé, tais eram os balanços bruscos que o navio ia dando. Abri a vigia interior e então compreendi tudo ao vêr como de segundo a segundo variava o horisonte que alcançava a minha vigia. Ora um ceu pardacento e o barulho irritante de pesadas gotas d'agua — que pareciam querer quebrar o vidro grosso da vigia, ou a sombria côr das vagas espumantes de raiva que procuravam desesperadamente tocar o ceu que parecia estar baixinho quasi a roçar-lhes...

Era uma tempestade; devia ser uma grande tempestade. Toquei pelo creado e fui-me vestindo vagarosamente depois de arrecadar o melhor que me foi possível os meus objectos dispersos.

Sempre agarrado ás paredes, para não cair, ainda tentei barbear-me. Cortei-me duas vezes e para não ficar sem pele resolvi desistir.

Preparava-me então para sair da cabine quando a porta se abriu bruscamente e os

meus dois companheiros foram verdadeiramente arremetidos contra mim pelo braço forte d'um marinheiro que se limitou a berrar:

«Ponham os cintos de salvação e não tornem a sair da cabine até de ouvir o sinal. Leiam as instruções...»

E foi gritando isto a todos os passageiros conforme os ia lançando para as respectivas cabines. Os meus dois pobres companheiros estavam apavorados de medo. Tremiam e choravam como crianças. Tirei os coletes de cortiça e vesti a cada um o seu. Quanto ao meu, não me precipitei em vesti-lo. Deixei-o ficar sobre o meu beliche, bem à mão.

Quiz então saber o que se passava lá fora. Não me sabiam dizer... Era um inferno... O mastro da prôa tinha-se partido; na coberta nada se mantinha, duas das «baleiras» tinham sido levadas pelas vagas.

Não se sabia do imediato que fôra visto à pôpa a última vez agarrado à roda do leme porque... disseram-me entre soluções — agora já não há leme, está partido e o navio está perdido. Lembrei-lhes, para lhes quebrar um pouco o sofrimento, que seria bom meterem na algebeira qualquer coisa mais valiosa e de estimação que levassem. Vi com espanto então que esta simples observação quasi os dispôzera bem... sorriram-se ambos com ar de quem sobre êsse assunto está seguro e mostraram-me as suas malas quasi vazias... Tinham vestido tudo quanto possuíam de melhor e os bolsos cheios de todas as porcarias de mínimo valor que possuíam. «Nunca viajamos com dinheiro e o resto...»

E' que eu tinha-me esquecido de que eram judeus estes meus queridos companheiros da triste viagem. — E o que me respondera, um pouco mais alentado por ter conseguido falar, acrescentou: Desculpe você que na ância de prepararmos as nossas cousas, parece-me que lhe partimos um frasco de água de colônia; se quiser, depois lhe pagaremos, a meias... quando desembarcar-mos. Alright?

Nisto abriu-se a porta da cabine, e apareceu o meu amigo Da Silva cujo aspecto de gentlemann não estava em nada alterado — quasi lhe ficava elegantemente o cinto de salvação. Apertamos as mãos e ele puxando-me para o corredor, segredou-me:

— Estamos completamente perdidos; isto não resiste mais trinta minutos. Quero con-

fiar-lhe um segredo que você utilizará se eu morrer ou esquecerá se eu me salvar. Valeu? Apertei-lhe novamente a mão e ele abraçando-me disse-me ao ouvido duas palavras. Duas palavras em Português e para que eu as fizesse bem, soletrou-as e disse-me as letras, uma por uma.

Sempre de mãos bem apertadas, explicou-me: ainda E' ali o cemiterio dos elefantes. Projecto lá ir se... quando um dia voltar da Índia. Setenta quilometros a leste da nascente do Zambeze. Diga esses dois nomes ao rei dos m'Kotas e ele saberá que vai da minha parte e... — não houve tempo para mais; ouviu-se tocar desesperadamente a sireia de bordo e como por encanto abriram-se todas as portas e os passageiros atiraram-se em louca correria para os corredores e escadas que conduziam ao convéz.

Voltei como pude a minha cabine mas já não encontrei o meu colete de salvação. Um dos maróios que me acompanhavam devia tel'o levado. Não havia agora tempo a perder. O navio adornava já, quando chequei ao convéz. Dificilmente encontrei lugar na minha baleeira.

— Não me quero lembrar das horas tormentosas que se seguiram. Jam algumas mulheres e crianças no nosso barco, para maior desgraça!

Lembro-me apenas de que, quando alta noite, bramava ainda a tempestade, um vagalhão enorme desceu sobre nós e virou-nos o barco, me vi com um pimpolho nos braços a berrar desesperadamente.

Nadei sem saber bem para onde — nadava para não sossobrar, quando senti que era fortemente agarrado nas pernas por uma mulher. Compreendi que era uma mulher porque tentando afastá-la senti os seus longos cabelos.

O meu primeiro desejo foi de salvara. Mas na tragica situação em que me encontrava, com uma criança nos braços e o mar bravo como estava, não me seria possível fazê-lo. Uma dessas vidas teria que ser imediatamente sacrificada.

— Não sei se procedi bem: Deus um dia me ha-de julgar. Bati para baixo desesperadamente com os pés, — bati até que as mãos que se me agarravam foram-se amolecendo e deixaram-me os movimentos livres para nadar.

Senti logo depois disto uma voz que gritava o meu nome a meu lado — nadei nessa direcção. Era o meu querido amigo Da Silva que vendo-me com uma criança ao colo e sem salva-vidas, rapidamente e sem que eu o percebesse vestiu-me o que trazia, desaparecendo pouco depois tragado certamente por uma vaga enorme que se quebrou sobre as nossas cabeças.

Não sei quantas horas isto durou. Julgo até que adormeci ou que entreei em estado de coma. Lembro-me apenas de que o mar estava muito mais calmo quando surgiu a claridade do dia e que eu estava, com a criança nos braços — coitadinha já morta mas ainda tão bonita, que parecia dormir — lançado sobre areia fina d'uma Praia.

Se a criança que ali estava não fosse a imagem da morte e do terrível drama que havíamos vivido, a alegria de me sentir salvo em terra firme não teria limites.

Levantei-me a custo e a minha primeira preocupação foi arranjar um pequenino tu-

'GARANTIA'

COMPANHIA DE SEGUROS

(FUNDADA EM 1855)

Capital Integralizado Esc. 1.000.000.000

Reservas em 31 de Dezembro de 1927

Esc. 6.611.563.835

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á matemática e esta é uma sci. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, ne-te ponto, a «GARANTIA» tem a escudá-la o seu passado

SÉDE

Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 13 e 14
Casa Bancaria Souza, Cruz & C., Lda

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 65 a 71
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

mulo e pedras para aquele corpito fragil a que a fatalidade tirara tão cedo a vida. Depois restei atenção ao cenário que me rodeava. Devia estar numa ilha, ilha pequena, com certeza mas toda coberta de verdura e com altos coqueiros. Breve tive porem a certeza de que esta ilha não era deserta... o meu nome era gritado a distancia — e por uma voz conhecida, Mr. Lencasterr!...

Ao longe vi, a correr para mim duas figuras, gritando alegremente o meu nome. Eram os dois companheiros de cabine que se haviam selvo — conforme depois me contaram — agarrados ao casco da «baleira», e tão natural é aos da sua raça agarrarem-se ás coisas de que carecem que me não admirei da sua força e tenacidade.

Já tinham explorado toda a ilha. Era pequena, mas não morreríamos de fome, havia muitos coqueiros e agua potavel. Depois, devia ser frequentemente visitada. A Terra continental não devia estar longe.

Subi rapidamente a um coqueiro para colher uns frutos que nos dessem de comer e para dessa altura ver se avistava terra. Assim era de facto; a umas vinte milhas estendia-se o continente Africano. — Divisara uma costa longe e baixa.

Quando desci do meu ponto de observação encontrei os meus dois companheiros preocupados a examinarem os seus haveres e reparei que eles tinham três coletes salva-vidas. Um deles notando o meu olhar replicou: — Como eu estava muito carregado, achei conveniente pôr dois. Estou pronto a pagar-lhe o aluguer, bem como o frasco da agua de colonia que lhe partimos... se fôr razoavel no preço — dada a nossa situação actual!

Se me não recuso e ponho final á conversa estou certo de que acabavam por me pagar em cheque...

A maior empresa do dia estava porem ainda por ser desvendada. Do outro lado da pequena ilha avistava-se distintamente agora, a pouco mais de meia milha, os mastros e o cano dum navio afundado. Devia ser o «Bombay». E ao longe, julgámos primeiro que fosse pesadelo vinha crescendo a mancha cinzenta dum navio de guerra, navegando velozmente na nossa direcção.

(Continua no proximo numero)

VISITE A

Patisserie Versailles

Avenida da Republica, 15

Lunches para casamentos
e batizados

ESMERADO SERVIÇO

Telefone 3219 N.

L I S B O A

DO

«ATELIER» DE MADAME Z...

Um prédio muito visitado — A bicha dos autos — O Palácio de
bruxedos — O cavalheiro temido — As dividas — Quanto
devem a Mme. Z... — Madame Z... em Paris
— Lisboa e... «Rue de la Paix»...



Um auto guiado por uma gentil «chauffeuse»

HAVIA tempo que nós olhávamos com certa curiosidade para aquele prédio... Nós e muita gente que, como nós, passava e passa por aquela rua discreta vi-nha ao bulício elegante e *sonô* da Avenida. E' que... alnham-se sempre, frente ao seu portão de solar do século XIX ou de romance de Eça, longas bichas de autos — como se, todos os dias e a todas as horas, estivesse para sair ou acabasse de regressar da igreja um aristocrático cortejo nupcial. Existe ainda ouro detalhe a registrar simultaneamente: a coincidência e a frequência com que, nos arredores desse prédio e dessa rua nos cruzávamos com lindas e sumptuosas mulheres, mulheres conhecidas de *tout Lisbonne*, *vedettes* de todos os generos, nomes vistosos e até títulos de nobreza...

... Foi talvez por isso mesmo que não estranhamos quando, alguém que nos prometera um *filão jornalístico*, inédito e sensacional, nos conduziu pela mão, a essa rua — a frente desse prédio.

— Que misterioso dinamô faz funcionar as invisíveis mas mui sensíveis maquinarias desse palácio de magia? — começou por cochichar-nos ao ouvido o Cook que nos guiava. Ignoro — ou por outra não concluí ainda toja a minha investigação para poder fazer revelações exactas, indiscutíveis... Vês essa caravana de *limousines*, de autos de luxo? Vês aquela gentil *chauffeur* feminino que freinou agora mesmo o carro num gesto teatral e que pulou para o passeio? A porta chapeada de fechos dourados abriu-se logo, como que por encanto, e o porteiro desbarr-tou-se e fez da espinha um ângulo agudo... Conheces? Pude-ra... Quem não a conhece... Raro é o dia, nos 365 dias do ano, que ela, estando em Lisboa, não venha até cá! E com ela — centenas como ela... Olha agora para quem atravessa a rua nesta direcção, num passo dançarinhado... Mme. N... Não digas mais... Tens boa memória visual... E repara na d-usa olimpica que dobrou agora a esquina; e naquela Raquel Meller nacional que a está subindo, lentamente e que parece conversar, com certa

porta tão semelhante a todas as outras portas daquela rua (paralela á do prédio citado) que difficilmente se podia distinguir.

«— Eis uma das fechaduras do cofre! — cochichou-nos ele ao ouvido. — Eis um dos segredos do aparelho — uma das molas que o põem a funcionar...»

Subia vagarosamente a rua um sujeito magro, pálido, enluyado, distinto... ou fregolizado como tal. Parava de dez em dez passos, como um asmático a quem falta o ar e que se fatiga ao menor esforço. Durante esses paragens contorcionava o pescoço, circunvagando a vista em todas as direcções. Por fim, numa inesperada e surpreendente velocidade, ganhou a pouca distancia que o separava da tal porta — e por ela desapareceu...

— Um! — fez o nosso companheiro. Quantos não terão entrado primeiro! Quantos não virão d-pois. Mas não julgues q' e é este o unico alçapão deste maquiavelismo... Lá em baixo, quasi na outra esquina — aquela porta frente ao candieiro... também é. E se dobrarmos aquele ângulo veremos que... — «Basta! — exclamamos com impaciencia. Já é tempo de acabar com charadas. Que significa tudo isto?»

— Não percebeste ainda que aquele prédio, frente ao qual se enfileiram tantos automoveis é o celebre atelier de madame Z...? Que todas estas pequenas portas das ruas transversais ou da paralela... teem comunicação com o atelier de madame Z...?

O atelier de Madame Z...? Ah! Sim? Era famoso — pela sua clientela, pelos modelos que importava de Paris, e... pelos preços das suas «toil-ttes».

«— O negocio de Mme. Z... divide-se em varias secções — começou o nosso amigo, ao

intimidade com o espectacular cachorro que a acompanhava... E aquell'outra que...»

— ?
— Acalma-te... Não tenhas pressa... Uma volta ainda...

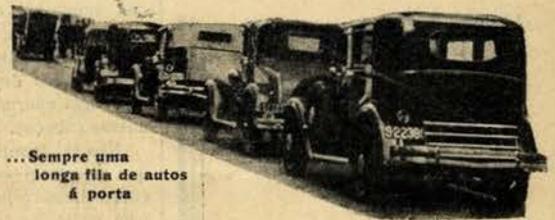
E dando-nos o braço, o nosso *cicerone* obrigou-nos a flanquear o prédio, seguindo pela rua transversal e ao dobrar de novo uma esquina apontamos, com distorce, para uma

ilucidar-nos. O primeiro e o mais modesto — é o do plagio ou *rapinção* de modelos. Vai a Paris e compra, como particular, uma *toilette* de cada modelo que lhe agrada e depois, em Lisboa, copia-o quantas vezes fôr necessario. Outro — é o do contrabando... Mas o mais grave, o mais doloroso dos seus negocios é muito diferente desses todos...

Um silencio. Depois... « Tu nunca lêste Victorien de Saussay? Não conheces o mais escandaloso dos seus livros «Rue de la Paix» — («Marchés d'Amour»)? Conheces. Nesse caso... começa a vêr claro. Existem dois generos de clientes para Mme. Z...: as que pagam e as que devem. As primeiras — dão lucro, mas... as segundas (algumas) dão mais. E' uma tentação viva, Mme. Z... A desgraçada fregueza, se é vaidosa, *coquette*, deixa-se seduzir pelo demónio dos trapos que ela apresenta. «Não posso... E' lindo — mas não posso gastar mais! dirá a seduzida». — «Não seja tola! responderá Mme. Z... ao ouvido. Pagará depois ou... Ora este... ou é a chave daquela fechadura que te mostrei ha pouco...»

«E' vulgar ouvir-se dizer. Fulana deve 20 contos á Mme Z... Cicrana, 60... Beltrana, 80... E ficamos passados como é possível que a benemerita Mme. Z... se agüente abrindo tais créditos que, somados, devem atingir quantias fabulosas... Ah! Que belo coração — o de Mme. Z...»

«Nuns casos — esses creditos são de mutuo-acordo, para atrair quem os liquide. Noutros casos — eles são fictícios: as compras são feitas a pronto pagamento — mas á cliente convem que... conste que não estão pagas. Mas o caso mais frequente é aquele em que madame Z... ententece a cliente com o «não



... Sempre uma longa fila de autos á porta

faz mal...» — «pagará depois» — «eu não tenho pressa...» Quasi sempre realiza um inquerito primeiro e sabe que existe quem ame ou deseje apaixonadamente ou sofregamente essa fregueza — e a quem essa fregueza se recusa por honestidade ou por repugnancia. Deixa subir a conta — segundo as ordens que recebeu de-se algum; e em determinada altura — metamerfose completa! Má cara, car-

(Conclue na pág. 13)

Nos bastidores da proxima e inevitavel Guerra Mundial

II

O EXÉRCITO RUSSO

NO meu ultimo artigo sôbre a Confederação Denumbiana, em que demonstrava (apoiado em artigos da *Gazeta Warszawska*, de Varsovia e do *Die Welt Am Abend*, de Berlim) os propósitos bélicos da França, rodeada das suas nações — satélites, Romenia, Polonia, Tcheco-Slovaquia e Jugoslavia sôbre a Russia, declarei que a Guerra Mundial, essa próxima e inevitavel hecatombe, incendiada pela França, sob a qual pesa agora a acusação dum espirito imperialista demasiado irrequieto.

Mas quais serão as forças que a U. R. S. S. lhes poderá opôr? A Russia é ainda o enigma, a incognita que apavora o mundo.

Todos os seus dados officiaes são falsos, quando dizem que tem dez é porque são vinte... Ainda na pouco tempo num relatório á Sociedade das Nações apresentavam a nota de terem um efectivo de 560.000 homens, mas *Doagens Nyheter* de Estocolmo, num seu artigo reproduzido pelo *Lu*, informa-nos que o efectivo militar da Russia é, em tempo de Paz, de um milhão quatrocentos e setenta e oito mil homens, mas que em caso de guerra se pode elevar rápidamente a 3.170.000; e em Junho de 1930 o jornal «*Krasnaia Svezda*» que é uma espécie de órgão militar russo, anunciava ao mundo que o exercito em caso de mobilisação contaria vinte milhões, entre homens e mulheres e que rápidamente este numero poderia triplicar.

O que seria pois uma guerra contra uma nação que tão rapidamente poderá dispôr de tais efectivos.

Na Russia há a preocupação de se manter sempre no alvo-roçado ânimo do povo a ideia militar, creando, desenvolvendo o gôsto por tódos os *sports* adequados, fundando sociedades de tiro civil onde concorrem homens e mulheres sempre com grande entusiasmo, treinando o povo, habituando-o á ideia da guerra, pregando-lhe o fanatismo de uma Russia tão invencivel como as ideias...

Esta preocupação faz com que o Governô cuide obsecadamente do fabrico e importação de material de guerra, funde fábricas como o *Zagf* em Moscou

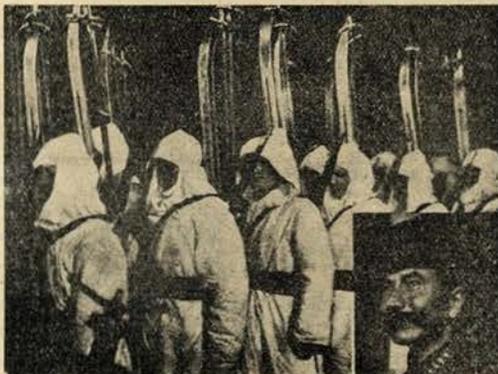
que pode construir até cem aviões por mês; que tenha o mais formidável exercito aéreo fazendo da aviação uma arma terrivel de ataque e defesa, crenças que nela estará o futuro da próxima guerra mundial em que esta arma pode e deve desempenhar um papel decisivo. A propria Tcheco-Slovaquia tem recebido encomendas da Russia e ainda não há muito, lhe forneceu 120 aviões «*Avia B. H. 33*» de 450 cv. de força.

O orçamento sovietico destinado á defesa nacional segundo o afirma o governô, é de mil e oitocentos milhões de rublos; mas esta verba não corresponde á verdade porque se encontram disseminadas por vários outros orçamentos regionais, como se fossem de pura ordem comercial quando no final das contas se destinam á compra e fabrico de material e munições e ao sustento deste formidável exercito. Com uma disciplina férrea que se impõe, que faz com que essa mole de gente obedeça, marche a uma voz de comando sem refletir, sem procurar mesmo compreender o sentido das ordens que lhes dão.

Existe ainda tanto no exercito como na marinha um *controle* politico, composto de commissarios delegados que se destinam a vigiar os gestos dos soldados e officiaes suspeitos, de forma a evitar que na maquina formidável que toda a U. R. S. S. e, haja uma peça imperfeita por muito pequena que ela seja.

Uma guerra com a Russia? Divisão das suas terras? Não deve ser tarefa muito facil — sobretudo para uma nação isolada.

A Russia dos tzares e a Russia dos Sovietes, são muito diferentes em tudo. Na guerra Russo-Niponica vence-



Soldados de um batalhão de Kieus

O general Boudleny, comandante em chefe da cavalaria

“ATELIER” DE MADAME Z...

(Conclusão da pág. 12)

tas energicas, ameaças... Depois... depois — um conselho, ao ouvido. Se ela quizesse — podia pagar porque existe quem queira oferecer-lhe as *toilettes* em dívida — e muitas outras...

«Que tremenda pouca vergonha, o tal atelier...»

* * *

«Tem outros aspectos igualmente dolorosos. Quantas senhoras absolutamente honestas e que não necessitam ficar a dever frequentam este atelier, atraídas pela sua fama e sobre as quais fica pesando graves suspeitas — só porque... elas ignoram o que se passa... Não é só o proximo predio que tem, portas discretas á volta: são os predios visinhos cujos *apartements* tem comunicação secreta com o atelier. As pecadoras vem sozinhas, a pé ou de auto, entram e saem sozinhas.

Quem as espreitar e quem espreitar o predio nada verá de alarmante... Pudera... Os ratos introduzem-se na quejadeira... por outros caminhos — por caminhos que estão fóra do alcance dos espiaes... E é assim que Mme. Z... tendo tanta gente que lhe deve fortunas — dilata continuamente a sua...

«Em compensação — as pobres *midinettes* escravas das *Singers*, sem horas de repouso e tratadas como escravas, ganham uma miseria. Quantas não tem saído tuberculosas de casa maldita? As feias! Porque as belas... A's belas é outro o perigo que as ameaça...»

AUTO ESTEFANIA
STANDVenda e troca de
Automoveis usados

Telefone, 3134

RUA ALEXANDRE BRAGA, 27

LISBOA



Este número do “Reporter X”

tem 16 paginas a duas côres,

custa 1\$00 e foi visado

pela Comissão de Censura

ram os japonezes mas agora não sabemos bem se a victoria tornaria a sorrir aos filhos do Sol Nascente e a prova é que no problema manchuriano o Japão evita o mais possivel o menor conflito com a Russia, sobretudo após as amargas experiencias da China...

Paulo Ferreira

AINDA... E SEMPRE A

C. N. N.

Uma carta do sr. Augusto Guedes esclarecendo... o que faltava esclarecer

7-5-32—Meu caro Reynaldo Ferreira: Li, com extraordinário interesse, o artigo que, sob o título «C. N. N.»—V. publicou no seu magnífico semanário, e onde você analisa com o seu conhecido critério, alguns pontos do meu relatório acerca da minha passagem e saída da referida companhia. Certamente, apesar da justiça que V. me faz, como de resto é hábito no seu jornal para com todos os preseguidos, a maneira elogiosa com que me trata, é filha da sua muita amizade e camaradagem, mas, contudo, reconheço que você nunca transige com a sua consciência, sejam quaes forem as propostas mais ou menos sedutoras com que pretendam obter senão a defesa de interesses inconfessáveis, pelo menos o seu silêncio! Mais uma vez, recorro á sua boa amizade para fazer salientar alguns pontos que julgo não estarem suficientemente esclarecidos:

1.—Farei notar a V. que fui eu o unico despachante-official que, até á minha entrada na referida Companhia desempenhou o lugar de Chefe da Repartição Aduaneira, que se encontrava com uma organização muito longe de satisfazer o seu intenso movimento, conseguindo o meu antecessor apianar as constantes dificuldades que surgiam no decorrer dos serviços, á força de dinheiro e, por consequencia, gastos extraordinarios para a Companhia.

2.—Organizei, como disse no meu relatório, Armazem Afiançado com escrita propria e identica á da Alfandega e actualizei os serviços do Afiançado, cuja conferencia de mercadorias não era feita... ha 25 anos

Das vantagens destes dois serviços, abstenho-me de lhe falar, por não ser V. um tecnico, mas, quem conhece os complexos serviços aduaneiros, não deixará de reconhecer a mesmas.

Dirá V. certamente e com razão:

«A C. N. N. não delatara de o indemnizar materialmente por estes motivos sem contar com a desorganização da sua vida profissional na Alfandega de Lisboa»...

E, eu lhe respondo:

Você já deve ter vi to como principiou a recompensa a todos os meus esforços e, por consequencia, poderá avaliar qual será a indemnização que a mesma Companhia me reserva para os prejuizos moraes e materiaes ocasionados com a minha passagem pela Repartição Aduaneira e subsequente demissão!...

Ha, ainda, um ponto que, embora V. se tenha já referido a ée no seu artigo de hoje, não ficou a meu vêr suficientemente claro:

Como disse, em Janeiro do corrente ano fui encarregado de chefiar, juntamente com a minha Secção, a de «Navios», cujas carreiras, entre Africa, Brasil, Mediterraneo e Norte Europa, etc., eram no numero de sete e para cujos serviços, intensissimos, nessa occasião, me não foram proporcionados meios materiaes de os desempenhar, pois, tendo sido demittidos quatro empregados da referida Secção quando do afastamento do seu Chefe, Sr. Freire, por mais que reclamasse ao Conselho de Administração para que me fosse permitido contractar alguns empregados, a titulo *provisório e extremamente economico para a Companhia*, não conseguí alcançar satisfação ao meu justo pedido, sendo, precisamente, no momento em que, mais uma vez, procurava a solução deste caso, agora junto do Sr. Secretario Geral, que, em virtude da maneira desagradavel com que ée me recebem, me vi forçado a pedir a demissão.

Convencido de que V. ficará suficientemente esclarecido para que, sem que isto constitua abuso da minha parte para com a sua comprovada amizade, esta minha carta seja publicada no seu interessante semanario, desde já, reconheço lhe agradeço, e que se confessa amigo certo etc.

(8) AUGUSTO GUEDES

O SEGREDO

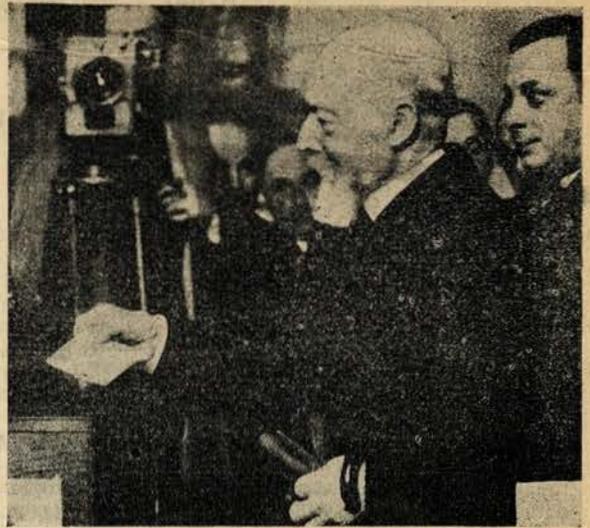
DA

MORTE

DO

presidente

Doumer



Doumer votando nas ultimas eleições

DEGLADIAM-SE os jornais portugueses em redor do assassino do desventuroso e sacrificado presidente Doumer. Uns teimam, com caturrice, que ele pertence ao *fascio* dos russos brancos; outros insistem, com energia que, se trata pelo contrario, dum agente de Moscou. Só admito esse interesse, essa caturrice quando se busca a verdade, quando se parte, sinceramente, das trevas para a luz, da curiosidade honrada para a revelação verdadeira porque, de facto, só a classificação do *regicida* de Doumer pode explicar o enigma desta tragedia — caso ella tenha explicação. E disse *regicida* — porque os legistas, os criminalogistas e os psiquiatras amolham no mesmo termo de *regicida* todos os *tarados*, cuja *tára* consiste em derrubar uma figura real, um chefe de estado, um politico em evidencia e até mesmo o simples propagandista duma ideia.

Mas todos aqueles que tem estudado esses criminosos chegam á conclusão que eles agiram por uma falialidade psiquica e raras vezes por um decreto de seita ou apenas por um odio politico. E é sob este criterio que comento o tragico fim deste santo velho o mais puro dos republicanos, o mais sincero e romantico dos patriotas dum romantismo estoico que o levou ao orgulho verdadeiro da morte de todos os filhos amando-os ele como qualquer pai que amaldiçoaria a patria se a patria retalhasse assim o seu coração. A França de que Doumer era o simbolo não só official mas sobretudo moral, a França burguesa, honesta, civilisada, conservadora e revolucionaria... (pró-95 e anti-Muscou) collocou-se na mesma situação perante todos os extremistas: os comunistas e os fascistas. Que os comunistas eram capazes de decretarem a pena de morte ao responsavel legal da offensiva politica permanente á sua politica — ninguém o duvida; mas que se torna inverosimil o aparcimento de um exaliado, de um fanatico do tal *fascio* com identicas intenções, tão pouco o discuto! E isto não acusa nem uns nem outros — porque o *regicida specimen* tanto pode chamar-se Reveillac como Boni!

Mas todos os analistas destas tragédias o que me inspira ainda maior confiança é Eça Queiroz ao retratar o atentado contra certo general espanhol em que o autor, o louco que o ferira mortalmente sem causa nem odio, ao ser arreastado pelas ruas, berava para as janelas, onde lindas mulheres o amaldiçoavam: «— Fui eu! Fui só eu o assassino!» ... para que não viesse outro furtar-lhe a Gloria de... assassino!

Quanto a mim — o matador do infeliz Doumer... era — como diria Calino — um «*neto-gemeo*» do tal *regicida* espanhol *regicida* porque, repito, é este o seu nome scientifico.

Homens & Factos do Dia

(Continuação da pag. 5)

Salas de recepção para os membros e altos funcionarios da Casa Real . . .	10
Salas de recepção e audiencia vulgar	20
Salas de trono e salas para noites de grande gala	30
Ante-camara para as audiencias e visitas	15
Varias divisões	20
Rouparia, etc.	12
Dispensas, salas das pratas, louças, . . .	8
Cosinhas	5
Total	209

Realmente representa um esforço a economia de Jorge V — sobretudo se tivermos em conta que no Palacio Real de Londres se servem 249.866 refeições anuais e abriga 120 pessoas (permanentes)...

Reporter X.

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo
SEMPRE SORTES GRANDES!!!

O "milieux" escandaloso dos portugueses de Paris

(Conclusão da pág. 9)

sua um «vila» exigindo-lhe que o acompanhasse e que se instalasse num «Palace» visinho — para o ter sempre próximo ao seu coração... adontado e amoroso.

«Era generosa, a pobre senhora; generosa em tudo menos em dinheiro propriamente dito. Pagava-lhe as contas dos hotéis, alfaiates e até dos *dancings*; enviava-lhe os bilhetes dos expressos e dos teatros; mas dinheiro — não, porque temia que ele o gastasse — atraíndo-a — e tinha razão! Contudo A. não era absolutamente feliz. A sua situação tornara-se fofa e venturosa, mas era falsa, hesitante, incompleta. Mas eis que um dia ele conhece a única filha da amante, uma deliciosa parisiense de 18 anos, loira, delicada, espiritual, diáfana, e para mais, pura, casta, quasi ingenua. Uma Ofelia no século XX — e com um dote de um milhão de francos! Ah! Se ele tivesse conhecido a filha antes da mãe! Agora era tarde! Era tarde — mas podia talvez aproveitar-se do milhão, completar a sua felicidade, remendar a lacuna do seu paraíso. Para o conseguir era preciso encontrar um *príncipe* de confiança por quem ele pudesse usar de toda a sua influencia e que casando com a jovem e recebendo a fortuna — soubesse depois dividi-la com ele! Remiram alguns membros do «milieux» — e com a lealdade e a honestidade que os caracteriza... (!!! não é cinismo; é a verdade; entre eles são assim!!!)... escolheram B. para comparsa daquela aventura. Era ele quem devia conquistar e casar com a jovem milionária. Para informações a fornecer aos pais, da criação de oportunidades, os encontros, da preparação do terreno, da vontade da mãe — lá estava A... Mas era indispensável que B... estivesse ao nível da sua futura noiva para que ela o *visse* ou pelo menos não se negasse a vê-lo.

«— Como querem vocês que eu represente esse papel — papel de quem pode aspirar e competir com um dote de um milhão se, no caso dela me olhar para a camisa sem necessidade de *scherlo-kolomisse* que eu não tenho nem para pagar a lavadeira, nem para comprar linhas para cerzir os multiplos buracos que a gravata e o colête não conseguem encobrir?

«O conciliábulo concluiu que era preciso de facto quem financiasse tão risonho negócio. Foi a vez de C. intervir: «— Homem! Para isso arranjo eu capitalista com a condição de haver uma *talhada* para mim e para o *beneficent*.» «Era legítimo — e apesar de tudo a confiança entre eles dispensava contractos e reconhecimento de assinaturas. C partiu logo à busca do financiamento. Encontrou um *honrado* comerciante também português mas pertencente ao «milieux» que se prontificou a colaborar na empresa. Os dez mil francos primeiros, foram gastos em guarda roupa e no arranjo dum «*appartement*» na vizinhança da *Étoile*, a que nada faltava nem sequer os retratos de antepassados illustres datados de vários séculos, *camellote* dum adreessista

teatral, (e êle podia apresentar autenticos e gloriosos avós que ilustram qualquer compendio historico português), e como o que sobrava era indispensável para as pequenas despesas do *movimento*, entrou um outro acionista com a quota de um dos dois automóveis que possuía, para que a B não faltasse êsse detalhe da grande vida. Criou-se a oportunidade d'esses dois jovens se conhecerem, e a manobra durante dois meses deu-lhes o resultado desejado. Os quatro sócios friccionavam as mãos saboreando já as segregações do milhão quando surgiu Mefisto a destruí-los o bruxedo. Mefisto neste caso era C que pelira um adiantamento à sua participação d'êste negócio e que lhe fôra recusado. C, o da cara chinesa, perdera a subvenção permanente e as viagens gratuitas que lhe proporcionava a artista de music-hall (cognominada a Rainha dos Crocodilos) porque ao surpreende-la com o domador dos leões lhe pregara uma sova à portuguesa. Ela fugira-lhe e o domador dos leões aproveitando a vaga vendera as feras e começara a fazer a vida que C fizera até então. Mas C acabava de saber que a sua antiga amante abandonara por sua vez o ex-domador e não queria despresar a nova vaga. Arrependido estava êle da asneira que fizera — mas para isso era também necessario um financiamento. O orçamento das viagens até Berlim e dos rodeios para a reconquista. E como os socios se recusassem a ajudá-lo repetiu a célebre frase do sapateiro de Braga: ou comiam todos, ou... vingou-se denunciando ao marido enganado e ao pai mais enganado ainda quem eram e o que pretendiam o amante da esposa e o noivo da filha. O primeiro resultado foi B encontrar fechadas as portas da casa de seus futuros sogros e receber a ameaça de um inquerito policial à sua vida.

O unico que ficou ganhando foi A a quem o banqueiro ofereceu cincoenta mil francos para desistir das erdencias amorosas da sua cadauca amante prêmio já se vê que A não hesitou em receber; mas já anda outro cavalheiro do «milieux» a esvoaçar à volta do mesmo milhão. Aquêle milhão decididamente acaba por ser devorado por um português de Paris.

* * *

«— Ah! quantos casos como êste hei-de contar no meu romance! São vinte anos de Paris e dez de Montparnasse. Antigamente eram os romaios e os gregos que batiam êste *record*.

Calou-se o autor do futuro romance.

Quedei-me um instante a observá-lo. Eu só queria que os leitores vissem a cara do cavalheiro... Dir-se-hia que acabava de me narrar a vida dos Santos Padres. Eu sentia alguns vômitos e também vivi muitos anos em Paris. E' tudo uma questão de estomago.

REPORTER X

Mannheimer V. G.

SEGUROS DE AUTOMOVEIS

TELEFONE 23533

L. Barão de Quintela, 11-2.º

A dupla existencia dum honrado comerciante, recém-falecido

(Conclusão da pag. 6)

vai imediatamente a bordo afim de tomar conta da mercadoria a qual é descarregada para a sua barca; uma vez de posse da fazenda, encosta a barca ás outras que estão vulgarmente no quadro da *Ajfadega*, e ali aguarda durante alguns dias o despacho. Durante esse tempo, o cito barqueiro é o guarda da noite da sua propria barca.

Este guarda (veja-se o paradoxo) é o primeiro a roubar a mercadoria, e às ocultas da guarda fiscal vai-a transportando para um pequeno cahique que de manhã terminada a tarefa da «guarda» sobe o rio em direcção a uma margem mais deserta e ali é feito o trabalho. As caixas são esvaziadas e a mercadoria é substituída por pedras embrulhadas quasi sempre em jornais franceses de data anterior à da saída do vapor do porto de embarque, isto para dar a ideia ao abrirem-se as caixas na *Alfândega* que as mesmas já tinham violadas da origem.

Repostas as caixas na barca seguem-se as praxes *alfandegarias*.

Constata-se o roubo. O consignatário é avisado pelo despachante que a mercadoria foi roubada. Este dirige-se «*afilito*» à companhia do seguro. Esta pega ao mesmo tempo que o honrado comerciante recebe das mãos do seu barqueiro a fazenda roubada e escondida.

Conclusão: o Estado roubado, o seguro roubado e o cavalheiro a ganhar a dois carrinhos com a fazenda em casa quasi de graça pois deu ao barqueiro uma pequena parcela do bom negócio que realizou. Nem sequer a despesa do frete peza no orçamento, pois o seguro paga tudo.

Há uma outra modalidade do «negócio» a qual é raramente praticada pois não dá ao receptor da fazenda o mesmo lucro quantioso. Nesta especialidade não são os comerciantes os organizadores da fraude — mas sim uns bandos de contrabandistas de que os barqueiros fazem parte. Os barqueiros executam a escamoteação como já narrámos — mas sem conhecimento do comerciante; êste ao vê-se roubado, e provando que o foi recebe o respectivo seguro que o indemniza à larga.

Dias d'após aparece um desconhecido que lhe propõe revelar o local onde as mercadorias estão escondidas em troca dum *gorgeta* principesca. O honrado comerciante aceita o negócio — pudera — visto que as mercadorias lhe vão passar às mãos por uma insignificância — e nunca denuncia à policia a maquinação de que foi *vítima* — porque... mesmo sendo *vítima* fica a ganhar — embora o Estado e as companhias de seguro sejam lesados e muito!

* * *

Quantas quadrilhas existem, neste genero? Quantos honrados comerciantes se fazem milionarios graças a estes crimes? A quantos individuos apertamos as mãos por essas ruas do Porto, nos salões dos clubs aristocraticos, dos gremios de tradicional seriedade e que são os chefes, os *dinamos-humanos* dessas quadrilhas?

O *saudoso defunto* de que falamos no inicio desta reportagem era, sem duvida, o mais activo organisador de contrabando do norte — e não poucos crimes pesavam na sua consciencia de bom catolico (?).

Ha tempos recolheu ao Hospital Militar um pobre, mas intransigentemente honrado guarda fiscal, que appareceu cahido junto ao seu posto, ferido de morte e sem fala! Quem o agrediu? Quem o matou? Nunca se soube! Misterio!

Guy de Carvall.



CHILADO

TEATRO NACIONAL



“1808”

DRAMA HISTORICO

DE

Reinaldo Ferreira

(reporter X)



O MAIOR EXITO

DA

ACTUALIDADE